



Ignacio Joaquim da Cunha Costa

Bibliographia  
(Cartilha Maternal ou  
Arte de Leitura por João de Deus)

1879



## LITTERATURA

### Bibliographia<sup>1</sup>

Cartilha Maternal ou Arte de Leitura por João de Deus

Acabamos de ler a *Cartilha Maternal ou Arte de Leitura*, escripta pelo poeta e distincto litterato portuguez – João de Deus.

Este novo systema que algumas escholas tem adoptado de preferencia a qualquer outro dos mais conhecidos entre nós, é um serviço grandemente humanitario, pretado á causa das letras e da civilisação.

Fundada em lei natural e principios os mais logicos, livre de combinações mecanicas inuteis, a *Cartilha Maternal* facilita aos mestres e aos educandos das primeiras letras o ensino e estudo da palavra escripta.

Viva, animada, cheia de interesse, a leitura, alli, se faz ao inverso dos outros methodos adoptados, tendo-se em vista os accêntos e inflexões da voz, a clareza e a significação dos sons.

Separa-se o mestre de todos os exercicios e praticas rotineiras; despreza as lições banais e fastidiosas em que nada se aprende com relação aos vocabulos; prepara os alumnos, illustra-os com agradaveis e justissimas observações, e lhes dá os primeiros conhecimentos do homem, estes conhecimentos phisicos e naturaes que se prendem ou se ligam ao seu bem estar e conservação.

É um systema este dos mais beneficos resultados.

Envidem-se esforços para adoptal-os nos collegios e estabelecimentos de instrucção elementar; e, cremos, se dará com isto, um passo adiantado, beneficiando-se as letras e a educação intellectual.

É tempo, pensamos nós, de reagir contra a toada e rotina das escholas.

Esses abecedarios e syllabarios tradicionaes, esses mil exercicios sem ordem e sem idéa de proveito, tudo isso desapareça e acabe-se d'entre nós, porque, falle-se com franqueza, tudo isso é esteril e ridiculo em nossos dias.

Não é sem razão e grande experiencia que, em sua voz autorisada, brada o autor da *Cartilha Maternal*:

“Esses longos exercicios de pura intuição visual constituem uma violencia, uma amputação moral contraria á natureza.”

“Seis mezes, um anno, e mais, de vozes sem sentido, basta para imprimir n'um espirito nascente o sello do idiotismo.”

É este um facto que não admitte a menor contestação.

---

<sup>1</sup> Crítica à *Cartilha Maternal ou Arte de Leitura* por João de Deus, escrita por: COSTA, Ignacio. *Bibliographia. O Liberal*: Maceió, ano 11, n. 117, p.2,3, 22 de maio de 1879.

Nas escolas e collegios de alguns logares, o abecê, como se ensina e se explica de ordinario, se não é uma cousa inteiramente selvagem ou irracional, é um trabalho pesado e tormentoso, uma occupação difficil em que se traduz a ignorancia e a estabilidade.

Não ha forma suaves e atractivas, não ha idéas - tudo se passa, alli, monótono e fastidioso.

O ensino assim é um mal como bem diz o autor da *Cartilha Maternal* – é uma violencia, uma amputação moral contraria á natureza.

Não verá isto, talvez, algum espirito frio e amigo do passado; mas reconhecerão, sem dúvida, os animos esclarecidos a necessidade que temos de reformas.

Venham as reformas.

Desejamol-as com dignidade e justiça, quemol-as com o sentimento profundo do dever e com a solemnidade das grandes cousas.

Sentimos, por falta de espaço, não poder apresentar um desenvolvimento esclarecido sobre a utilidade e vantagens do novo ensino elementar.

Uma idéa apenas, n'este momento, é o que podemos offerecer da bondade e excellencia da *Cartilha Maternal ou Arte de Leitura*.

Este systema, estudado como deve sel-o pelos profissionais e interessados, ha de nos convencer, necessariamente, de que vamos sem adiantamento, e estacionarios, em materia de ensino ou de instrucção.

Vejamos o livro.

Na primeira lição, os alumnos são iniciados nos elementos que constituem o principal fundamento da escripta e da leitura.

Estudava-se as vozes por um modo prompto e natural, e com ellas formam-se palavras conhecidas de facillima pronunciação.

Pensa logicamente o amor que o methodo de não aprender a ler – “não póde ser differente do methodo encantador pelo qual as mães nos ensinam a fallar, dizendo-nos palavras vivas que entreteem o espirito, e não letras e syllabas mortas, como fazem os mestres.”

Realmente, irmãs, a leitura e a escripta tem seu fundamento em elementos naturaes quasi homogeneos. Ambas prendem-se por laços mais ou menos semelhantes, uma e outra têm as mesmas qualidades, as mesmas relações com os objectos sensiveis.

Comprehendendo isto, concordamos com o autor, nas reflexões sensatas que nos faz.

Certo, deve ser feito sobre a natureza, e racionalmente, o estudo das vozes e das palavras.

De outro modo, o ensino é defeituoso e complicado; desaparece o gosto e o sentimento; apaga-se essa belleza ideal que deve reinar nas echolas entre os alumnos de um e outro sexo.

O autor, em outras lições, passa do estados das vozes para o estudo das inflexões e articulações.

Aprecia as consoantes em todos os seus valores, combina-as admiravelmente, mnemonisa-as, estabelecida uma orde alphabetica em diversas palavras.

Não admite, de leve, a soletração das methodos adoptados entre nós, – rejeita esse trabalho fastidioso, a que se habituam os alumnos, *estropeando* as palavras.

Em vez de syllabas mortas e sem significação, dá nomes usuaes e conhecidos, offerece combinações importantes, cheias de luz e de effeitos.

Falle mais autorisadamente o autor neste sentido:

“Ha duas soletrações, a antiga e a moderna. A soletração antiga vai chamando as letras pelos seus nomes, para apresentar depois, não a somma desses nomes, mas a somma dos valores dessas letras. Esta soletração é absurda, e desmoralisa o raciocinio do principiante. Como quereis vós que uma alminha ainda com aquella luz tão pura que traz de Deus, entenda que *cê agá a*, junto, sommado, é *xá?!?*”

“Isto será ensinar a ler, mas é ao mesmo tempo emparvecer. Ora mil vezes analphabeto que idiota.”

“A outra soletração moderna que procede por valores, é incomparavelmente superior; mas ou é inexequivel ou escusada.”

“Modernamente, como se soletra *chá?* D’este modo: *x... á, xá;* mas o alumno sabe, pelo conhecimento das regras ou por intuição, o valor hypotetico de *ch* e lê igualmente *xá;* ou não sabe, e nesse caso não pode soletrar á moderna.”

“D’aqui resulta que a verdadeira soletração é a leitura. Ensinemos as regras; e a pratica fará o resto.”

De feito, a soletração como se faz e se explica nas escholae, acarreta vicios e atrasos aos principiante, dando-lhe até as asperezas e desvios que redundam, muitas vezes, em desproveito da funcção vocal.

A cousa é mais perfeita e racional, como quer e recommenda o illustrado mestre.

Ha o cuidado de afastar ás crianças tudo quanto lhes possa imprimir defeitos e imperfeições na voz; ensina-se a melodia e o sentido das palavras; explicam-se as entonações e os modos mais correctos da pronunciação portugueza.

É um methodo este que se recomenda pela vantagem que offerece, de fertilizar o ensino em lições a mais uteis e as mais racionaes.

Entre outras traz uma reforma ha tempo reclamada pelas necessidades mais urgentes do ensino elementar: – *o estudo das vozes.*

Ahi os alumnos, em doses graduadas e paulatinamente, recebem noções apropriadas do estylo, de pronuncia e de vernaculidade.

As lições duodecima, decima terceira e vigesima primeira, são desenvolvimentos elementares de não pequeno mérito orthoépico.

Estamos certos, e é fóra de toda objecção, que se devem fazer, nas escholae e collegios de instrucção elementar, leitores intelligentes, e não recitadores que estejam a ommitir sons, e a deturpar a lingua a cada passo e a cada momento.

Além disso, cança-se o espirito, fatiga-se mesmo, ante uma leitura em que se não dão aos vocabulos a extensão, os accêntos, todas as inflexões necessarias.

Por deficiencia das escholae, é que uma linguagem affectada, viciosa, arbitraria, se vê hoje por toda a parte – no theatro, na tribuna nas relações sociaes.

Uns prpronunciam *técer*, *jógar*, *tómar*, *bólar*, allongando a primeira syllaba; outros, embora pronunciando bem estas palavras, dizem *récéber*, *pédir*, *médír* e muitos outros vocabulos que seria enfadonho mencionar aqui.

Escrevendo a *Arte da leitura*, o autor sem duvida, viu este mal e quiz combater a anarchia na pronuncia portugueza.

Não raro, são substanciaes suas lições sobre sons e valores das vogaes.

Tratando da letra – e –, recommenda aos professores todo todo seu especial cuidado para este signal litterario:

“Não deixeis o vosso discipulo dizer fal’ em logar de *falle*, assim como lhe não deixeis dizer *ville* em logar de *vil* em logar de vil, *papele* em logar de *papel*, &. Basta contar as syllabas, e não deixar fazer, de duas, uma; e de uma, duas.”

“Ha n’uma lingagem viviosa não sabemos que mostras de má educação ou de rudeza. Deve-nos empenhar o mais possivel em aperfeiçoar o estylo dos nossos discipulos.”

Este conselho implica grande sentimento do autor, e traduz o alto desejo de ver adoptado, na prática do ensino – tudo quanto possa engrandecer e fortificar o espirito dos alumnos.

A voz, faculdade que tanto nos ennobrece, e por cujo meio communicamos nossos pensamentos e idéas, deve ser, para mestres e educadores, um dos objectos de maior cuidado na educação e instrucção da infancia.

É nesta idade, principalmente, que o homem attenta sua fraca organização, está sujeito a desencaminhar-se, ou antes, a desviar-se, facilmente, das leis physicas ou naturaes que o regem.

Feliz aquelle que, sobre qualidades, outras, que o distinguem, tem um fallar correcto, puro, claro, accentuado; feliz dizemos nós, porque a uma palavra elegante e aperfeiçoada está sempre uma graça, uma belleza, está uma seducção a que se prendem as vistas e as attenções geraes.

Incansavel, – o autor offerece vantagens para uma pronuncia natural, intelligivel, verdadeiramente portugueza.

Seu methodo que é o analytico, é tambem o mais proprio para ensinar e para aprender.

Incontestavelmente, na Cartilha, tudo se vê disposto por uma ordem facil, inteiramente accomodada á razão e á intelligencia das crianças.

Estudam-se todos os signaes por grãos, começando o educando pelas letras mais simples para subir ás mais compostas e ás mais difficeis.

Eis o plano do autor:

“I Vogaes..... a, e, i, o, u.

II Consoantes Certas..... v, f, j, t, d, b, p, l, k, q.

Consoantes incertas..... c, g, r, z, s, x, m, n.

Consoantes compostas certas..... th, sh, nh, lh, ph,

Consoante composta incerta ..... ch

III Alphabeto maíusculo.....”

Esta classificação é bem feita, e sem dúvida, a mais logica de quantas conhecemos no ensino elementar.

Separando-se do alphabeto, o illustre mestre deu sentido e connexão ás letras; facilitou-as, quanto lhe foi possível, evitando no estudo das primeiras lições, o que póde embaraçar a intelligencia ou fatigar o espirito das crianças.

As vogaes, conforme o plano estabelecido, estão em primeiro lugar, attentas as relações de semelhança e gráo de importancia que lhes conhece.

Faceis de aprender, aquelles cinco elementos pronunciam-se com bôca aberta, filiam-se na voz e na memoria, apresentam effeitos que devem ter as mesmas causas.

Depois vêm as consoantes de estudo mais complicado e mais difficil.

Estas o autor, com profundo estudo dos caracteres, dividiu-se em consoantes simples e consoantes compostas; preferiu as de valor certo ás de valor incerto.

Distincta e completa até a perfeição, esta divisão reúne todas as condições de clareza e de facilidade.

As palavras formam-se – primeiro com as consoantes certas; depois com as outras, na ordem e numero em que se veem dispostas.

“Mas, pergunta elle, porque havemos de ir ao fim do abecedario buscar o – v - para o primeiro exercicio das combinações?”

As razões são óbvias, e, entre outras, é que o – v – é a menos equivocada e a mais perfeita de todas as consoantes.

“Contando os pontos por momentos [diz elle], podemos levar cinco momentos a pronunciar v..... á, ouvindo-se afinal perfeitamente bem vá. O mesmo não acontece em dá, cá, pá, lá, etc.”

“Logo, por onde haviamos nós de começar, pelas consoantes de valor proferivel, ou improferivel? É claro que pelas consoante de valor proferivel, que deixam ao principiante apreciar melhor os elementos da syllaba.”

O autor passa do – v – ao f – tendo em vista a analogia da pronuncia. De certo, o nosso – f que é o f – latino, é quasi o mesmo – v – no modo de começar ou de acabar a voz.

Court de Gébélin affirma que o – f - des Latins est le – f – de l’ancienne Grèce et des anciens Hébreux, et que ces derniers le prononcaient – v.

Semelhantes, pois, estas duas consoantes – as considerações a respeito de uma, são as mesmas, feitas, com pequena differença, a respeito de outra. Ambas tem valor proferivel; uma e outra pronunciam-se com igual disposição de órgãos.

Ao – f – segue-se o – j – n’um artigo de considerações as mais uteis e as mais interessantes; ao – j – o – t – ao – v – o – d – e assim por diante, guardadas todas as conveniencias de ordem e de relação: de maneira que, da primeira até a ultima pagina da *Cartilha*, tem o autor instituido comparação instructiva entre todos os sons e combinações.

O novo systema, breve e claro quanto é possível, contem apenas vinte e cinco lições para o conhecimento inteiro de uma leitura animada, intelligivel, cheia de sentido.

Na ultima lição desenvolve-se o autor, como se faz preciso, relativamente ao alfabeto, dando por extenso uma nomenclatura de todas as letras, que elle pede seja adoptada como verdadeira e natural. ouçamol-os a este respeito:

“O alfabeto é uma ordem puramente material: o seu estudo aborrecido; e não ha necessidade de molestar o alumno.”

“Quantos terão renunciado á gloria de saber ler, pelo fastio invencivel d’essa enfiada de nomes barbaros e desconnexos?”

“É verdade que no principio, que é quando o costumam ensinar, a essa desconexão ajunta-se a absoluta ausencia do sentido; mas em todo o tempo a memoria se esquivava a encadear semelhante salsada.”

“Se acceitais a nossa nomenclatura, alternaia-a com o discipulo á vezes necessarias, ou fazei repetir alternadamente os discipulos, accumulando de dia para dias os nomes decorados:

“á, bê, cequêxe, dê;

é, fê, jêghe, agá;

í, je, ke (grego), lêlhem me-til, nêlhem-til;

ó, pêfe, qê, rêre, sezêxe, tê;

ú, vê, qce-cezêxe, i (grego), zêxe.”

“Adoptai esses nomes, que são verdadeiros e methodicos: não vou preoccupes com o costume. O cozinheiro ri-se de ouvir chamar ao sal chlorureto de soda; os chimicos deixam no rir.”

Realmente é importante aquella nomenclatura, criada pelo illustre autor.

Os signais chama-se naturalmente por seus valores, e não mais por “essa enfiada de nomes barbaros e desconnexos,” como elle diz com grande justissimo fundamento.

Achamos racional chamar ao - c - cequêxe - ao - j - jêghe - ao - m - mê-til - ao - n - nêhe-til - etc; porque, n’essas denominações, veem-se, e ficam bem determinados, os valores d’essas letras.

Cequêxe, por exemplo, é uma synthese de - ç - q e ch. Mê-til, é uma outra de - m - e til - sendo que, na primeira notam-se tres valores muito distinctos, e na segunda, dous.

Muitas poderiam ser as considerações a expender sobre o novo systema elementar, se tempo tivéssemos, sufficiente para um estudo mais sério e mais reflectido.

Esntretanto tudo nos falta n’esta occasião; falta-nos até uma certa tranquillidade, e apenas, como final a estas linhas, podemos accrescentar - que a *Cartilha ou arte de leitura* do distincto litterato portuguez, por sua doutrina e amenidade, tem direito á attenção publica, e destinada está aos mais brilhantes resultados.

Maceió, de maio de 1879.

Cunha Costa.